



# Psicopedagogia e Inclusão Social

# Tópicos sobre Inclusão

# Tópicos sobre Inclusão Social

# Conceituando a Inclusão

Segundo o documento “Saberes e Práticas da Inclusão”, a inclusão é um processo complexo que configura diferentes dimensões: ideológica, sociocultural, política e econômica. Os determinantes relacionais comportam as interações, os sentimentos, significados, as necessidades e ações práticas; já os determinantes materiais e econômicos viabilizam a reestruturação da escola.

A metáfora da inclusão sugere a imagem de uma escola em movimento, em constante transformação e construção, de enriquecimento pelas diferenças. Esse movimento implica: mudança de atitudes, constante reflexão sobre a prática pedagógica, modificação e adaptação do meio e, em nova organização da estrutura escolar.

A inclusão está fundada na dimensão humana e sociocultural que procura enfatizar formas de interação positivas, possibilidades, apoio às dificuldades e acolhimento das necessidades dessas pessoas, tendo como ponto de partida a escuta dos alunos, pais e comunidade escolar. Essas duas dimensões fazem nosso olhar convergir para o interior da escola, fazendo então surgir a necessidade de se compreender quais seriam as reais dificuldades que os alunos com necessidades educacionais especiais encontram na classe comum.

O que significa realmente educação para todos? Em que implicaria, na realidade, a igualdade de oportunidades? Quais as demandas e necessidades que emergem no processo de aprendizagem? Como a escola tem se organizado para responder a essas demandas e necessidades? Como se dá a prática pedagógica para a diversidade? Qual é o nível de participação dos alunos, pais e comunidade na elaboração do projeto político pedagógico e na tomada de decisões?

# Conceituando a Exclusão

Segundo o documento “Saberes e Práticas da Inclusão”, as raízes históricas e culturais do fenômeno deficiência sempre foram marcadas por forte rejeição, discriminação e preconceito.

Os indivíduos vistos como “diferentes” eram tratados com atitudes que iam da rejeição extrema, passando por piedade e até a superproteção, fazendo com que surgissem assim as ações de cunho social, religioso e caritativo de proteção e cuidados como: hospitais, prisões e abrigos.

A exclusão é algo muito sério, que traz consequências negativas para a vida do ser excluído pois ele não tem os seus direitos preservados e em alguns momentos não tem condições de lutar pelos mesmos. A exclusão limita as pessoas, impede o progresso, causa discriminação e prejudica a vida do indivíduo nas mais variadas esferas.

E é contra isso que a Educação Inclusiva vem lutando. Formando indivíduos com consciência a respeito da importância da Inclusão e da importância de uma escola para todos.

Partindo das questões citadas anteriormente, é possível ressaltar que o conceito de exclusão vai além da esfera educacional. Ao refletirmos sobre a exclusão podemos pensar a respeito de uma situação social desfavorável de uma pessoa ou grupo de indivíduos. É possível complementar tal conceito afirmando que as pessoas que não possuem oportunidades de desenvolvimento ou que não gozam de condições de alcançarem suas necessidades básicas são consideradas excluídas.

# A autopercepção

Para compreendermos melhor a respeito da importância da Inclusão Social vamos falar sobre algumas definições essenciais para entendermos o quanto negativa é a experiência da exclusão para a formação do indivíduo em questão. Pois sofrer com qualquer forma de segregação influencia diretamente a construção da identidade do ser humano.

Quando falamos da construção da identidade, desde que se é uma criança pequena, a principal motivação é obter amor e aprovação das pessoas que se considera mais próximas. Segundo Bettelheim (1988), elos saudáveis, quando são construídos entre pais e filhos, possibilitam uma identidade consistente, apta ao enfrentamento dos desafios do dia a dia.

Segundo LURIA (2008, apud BOCK;  
FURTADO;TEIXEIRA, 2014, p. 157)

Podemos concluir que:

Estruturalmente, a percepção depende de práticas humanas historicamente estabelecidas que podem não só alterar os sistemas de codificação usados no processamento da informação, mas também influenciar a decisão de situar os objetos percebidos em categorias apropriadas...

Podemos, portanto, tratar o processo perceptual como similar ao pensamento gráfico: Ele possui aspectos que mudam com o desenvolvimento histórico.

A autopercepção define-se como a percepção que o próprio sujeito faz de si. É importante para o indivíduo ter consciência de seu valor enquanto pessoa, visto que quem possui uma boa percepção de si tem maior possibilidade de formar uma consciência crítica a respeito do mundo que o cerca.

# O autoconceito

Para que a pessoa tenha formada sua autopercepção, é essencial a construção do que chamamos de autoconceito. Segundo Moysés (2007), o autoconceito é fruto da percepção que a pessoa tem de si mesma, estando sujeita a fatores externos e internos a própria pessoa.

Ou seja, informações que o próprio sujeito vai colhendo com o passar do tempo, originado primeiramente de opiniões alheias juntamente às avaliações de si própria feita a partir de seu desempenho, escolha, ações e características pessoais formam uma estrutura cognitiva com conhecimentos acerca de si, formando o que achamos de nós.

O autoconceito e a autopercepção começam a ser construídas, de acordo com Vigotsky (1984 apud MOISÉS, 2007,p. 19), a partir da infância, quando a criança começa a se relacionar com o mundo externo, ou seja, com pessoas ou situações sociais.

A construção da identidade é social e histórica, mediada pelos mais diferentes tipos de linguagem, está sujeita a muitas interpretações e reações. Por isso autoconceito e autoestima são questões que não podem ser tratadas de forma linear.

# A autoestima

A autoestima é definida como o sentimento de valor que temos a respeito da autopercepção. Trata-se de como nos vemos, do valor que nos damos a partir da nossa autoavaliação.

A autoestima é o resultado das diferentes percepções que fazemos a respeito de nós próprios.

Pode-se dizer, segundo Moysés (2007), que a autoestima representa o nível de satisfação que a pessoa sente quando se confronta com seu autoconceito. O autoconceito possui múltiplas possibilidades, podendo se relacionar a diversas características que compõem um ser humano.

Cada sujeito possui um leque de características que podem e devem ser estimuladas e valorizadas para além do ângulo acadêmico, porém o que a escola faz é focar somente no rendimento acadêmico, sem olhar para os outros pontos que podem estar destacados em determinada pessoa.

Se a escola passa a valorizar o aluno como um todo, percebendo suas aptidões no esporte, na arte, na comunicação, na inteligência emocional, entre outros, faz com que esse aluno se sinta mais seguro e com a autoestima fortalecida, contribuindo assim para que este indivíduo tenha mais possibilidades de melhorar nas esferas onde o mesmo não possui tanta aptidão.

Segundo Moysés (2007), os alunos familiarizados com o sucesso assumem seus próprios desempenhos e aceitam as responsabilidades pelos próprios fracassos. À medida que eles confiam no poder de controlar seus próprios destinos, dão mais valor a aprendizagem e envidam maiores esforços nos estudos, ou seja, estão mais propícios ao êxito e sabem encarar melhor a frustração de um fracasso, vendo-o de forma construtiva.

# A baixa autoestima

O sucesso faz aumentar a confiança, e esta acaba favorecendo a obtenção daquele. Porém, quando determinado aluno é rotulado apenas como um “fracassado”, o mesmo passa a se ver como alguém sem capacidade, de forma que não acredita nem mesmo que é capaz de melhorar ou superar os próprios obstáculos.

A baixa autoestima faz com que os alunos procurem saídas para minimizar seu sofrimento, como afirma Covington e Beery (1976). Os mesmos passam a ter atitudes defensivas e tomadas de ansiedade que não permitem que o sujeito em questão veja a situação na qual está inserido com clareza. O aluno passa a se convencer que é incapaz e, se vendo dessa forma, não vê mais sentido em se esforçar, se sente inútil.

Uma das saídas encontradas pelos alunos tomados pelo desânimo é o abandono dos estudos, pois muitas vezes o indivíduo se vê como intelectualmente incapaz. O que acontece é que o aluno vivencia um mau desempenho escolar, passa a acreditar que é incapaz e como solução desse problema decide abandonar os estudos.

Outra saída muito comum encontrada pelos alunos que se sentem desvalorizados e sem espaço em seu ambiente escolar é o caminho do crime e da violência. Temática essa que vem preocupando significativamente os estudiosos da juventude. Visto que é nesta fase que a identidade do futuro adulto está sendo formada. Se continuarmos a rotular os jovens como aqueles que “não querem estudar”, “não se interessam em nada”, “não tem mais jeito”, entre outras rotulações, a cada dia mais jovens estarão encontrando meios “mais fáceis” de sentirem-se valorizados.

# Olhando para as diferenças

A baixa autoestima pode se tornar uma força poderosa na personalidade do jovem. Marcada pela raiva e pela hostilidade, se transforma, resultando num indivíduo que se sente desvalorizado.

A escola pode descobrir capacidades não valorizadas e aproveitá-las ou prestar apoio direto e específico no trato com habilidades que ainda não são dominadas. É preciso incentivar e valorizar saberes não-acadêmicos e ao mesmo tempo oferecer condições para que os indivíduos superem suas dificuldades e elevem seu rendimento escolar.

Faz-se necessário que a escola respeite as diferenças individuais, considere a pessoa do aluno, compreenda as suas peculiaridades e trabalhe de modo a tirar de cada aluno o seu melhor.

O educador deve demonstrar que confia no potencial do sujeito em questão, mobilizando esforços para oferecer-lhe a oportunidade de se desenvolver. Importante é formar no sujeito a autopercepção de que é capaz, de que pode ir além e superar as barreiras impostas por ele mesmo, pela escola e pela sociedade.